



EUA/ Condenação do ex-policial branco Derek Chauvin por assassinato de segurança aumenta o clamor por ações mais enérgicas em relação à violência contra a população negra. Mortes de adolescente, em Ohio, e de homem, na Carolina do Norte, sinalizam longa batalha

Caso Floyd aquece a luta antirracista

O aguardado veredito da Justiça de Mineápolis contra o ex-policial branco Derek Chauvin, condenado pelo assassinato do segurança negro George Floyd, gerou uma onda de esperança entre os afro-americanos no avanço da luta antirracista. Mas depois da satisfação inicial, muitas vozes não tardaram em apontar que esse processo continua sendo um evento isolado. E as mortes de mais uma adolescente negra pela polícia, em Columbus (Ohio), e de um homem na Carolina do Norte foram encaradas como um exemplo de que o caminho ainda é longo.

Menos de 24 horas após a condenação de Chauvin, que poderá pegar uma pena de até 40 anos de prisão por ter asfixiado Floyd até a morte, manifestantes retornaram às ruas. Só que, agora, para cobrar investigações sobre as circunstâncias do assassinato de Ma'Khia Bryant, de 16 anos, que, aparentemente, atacava outra pessoa com uma faca. O crime ocorreu cerca de uma hora antes do anúncio do veredito de Mineápolis.

De acordo com o chefe de polícia de Columbus, Michael Woods, houve uma ligação de emergência, na terça-feira à tarde, de uma pessoa que temia ser atacada com uma arma branca. Foi divulgada parte da gravação da câmera usada pelo agente que matou a adolescente. "Pensamos que era importante compartilhar com a comunidade, sermos transparentes sobre esse incidente", declarou Woods.

As imagens mostram os policiais chegando a um local onde acontece uma briga, enquanto algumas pessoas observam, uma adolescente ataca outra com o que parece ser uma faca, tiros são ouvidos e a jovem cai no chão.

O prefeito Andrew Ginther classificou a morte da jovem como uma situação "horrível e de comoção" e "um dia trágico para a cidade de Columbus". Ginther, porém, considerou que o policial, cujo nome não foi divulgado, "atuou para proteger a outra jovem de nossa comunidade".

Em Elizabeth City, na Carolina do Norte, Andrew Brown Jr. foi morto, ontem, por um policial que lhe entregava uma ordem de revista. Segundo a imprensa local, que cita testemunhas, Brown, 40 anos e pai de 10 filhos, levou um tiro enquanto se afastava dos policiais em seu carro. A família afirma que ele estava desarmado.

Antes mesmo desses dois episódios, causava clamor no país a recente morte de Daune Wright, um afro-americano de 22 anos, morto após ser baleado por uma policial branca durante uma blitz de trânsito. O episódio ocorreu nos arredores de Mineápolis, em meio ao julgamento de Chauvin, o que elevou a tensão na cidade. O funeral de Wright está marcado para hoje.

Excessos investigados

Ontem, numa iniciativa percebida como desdobramento da condenação de Chauvin, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos anunciou que abrirá uma investigação civil sobre a polícia de Mineápolis. Separada do inquérito em andamento sobre o assassinato de George Floyd, a nova apuração examinará se a polícia municipal aplica uma política sistemática de força excessiva, mesmo durante protestos legais.

"Devemos continuar lutando por todas as minorias marginalizadas que perderam suas vidas para a brutalidade policial", tuitou Ben Crump, advogado da família Floyd.

Para o presidente dos EUA, Joe Biden, o desfecho do processo judicial pode marcar "um grande passo à frente no caminho em direção à justiça nos Estados Unidos" e levar a mudanças significativas. "Os negros americanos, principalmente os homens negros, foram tratados neste país como se não fossem homens", afirmou a vice-presidente Kamala Harris, ao lado de Biden durante pronunciação na Casa Branca.

"Precisamos reformar o sistema", insistiu ela, a primeira mulher e também afro-americana a ocupar o cargo. Biden e Harris pediram aos

Jeff Dean/AFP



Estudantes universitários marcham, em Columbus, em protesto contra a morte de Ma'Khia Bryant, 16 anos, pela polícia: novo foco de tensão

parlamentares que agissem mais rápido. Contudo, não será tarefa tranquila no Congresso. Republicanos e democratas ainda parecem longe de qualquer ação comum.

"Sabemos que a verdadeira justiça exige muito mais do que um único veredito em um único julgamento", ressaltou o ex-presidente Barack Obama, pedindo a continuação da luta para combater o racismo e a violência policial. "Não podemos parar por aí", exortou o primeiro político negro a comandar a Casa Branca.

Nações Unidas

A condenação de Chauvin repercutiu nas Nações Unidas. Ao comentar o julgamento, Michelle Bachelet, alta comissária para os



Reverendo Jesse Jackson diante do caixão de Daunte Wright: polícia de Mineápolis sob investigação

Direitos Humanos, ressaltou que qualquer veredito diferente da condenação do ex-policial "teria sido uma negação da justiça". "Para inúmeras vítimas afro-americanas e suas famílias, nos Estados Unidos e em todo o mundo, a luta pela justiça continua. A batalha para conseguir levar à Justiça esses casos de uso excessivo da força

ou de assassinato por parte da polícia e, ainda mais, ganhá-los, está muito longe de acabar", acrescentou, em um comunicado.

Bachelet considerou que a impunidade dos policiais que matam e violam os direitos humanos deve acabar. Ela enfatizou ainda que medidas mais enérgicas devem ser tomadas para evitar "mais

assassinatos arbitrários". De modo mais geral, ela acredita que o caso Floyd demonstra "o quanto resta fazer para que o racismo sistêmico que afeta as vidas dos afro-descendentes diminua".

"Como infelizmente constatamos nos últimos dias e semanas, as reformas das forças de segurança através dos Estados Unidos não são suficientes para impedir que as pessoas de origem africana sejam assassinadas", afirmou Bachelet.

A morte de Floyd, há 11 meses, gerou protestos não só nos EUA, mas em várias partes do mundo. Causou indignação e re- volta o vídeo que registrou Chauvin mantendo o joelho por mais de nove minutos sobre o pescoço de Floyd que implora: "Por favor, não consigo respirar".

REINO UNIDO

No aniversário, Elizabeth II agradece apoio dos súditos

No dia em que completou 95 anos, a rainha Elizabeth II divulgou, ontem, uma mensagem de agradecimento às manifestações de apoio enviadas a ela após a morte do marido, o príncipe Philip, com quem foi casada por mais de sete décadas. A monarca se declarou "profundamente emocionada" com a solidariedade dos súditos.

"Embora como família estejamos em um período de grande tristeza, tem sido um conforto para todos nós ver e ouvir as homenagens prestadas ao meu marido, tanto no Reino Unido como na Commonwealth e em todo o mundo", destacou Elizabeth II, em um comunicado divulgado pelo Palácio de Buckingham. "Nós estamos profundamente emocionados e continuamos a ser lembrados de que Philip teve um impacto extraordinário em muitas pessoas ao longo de sua vida", acrescentou.

Por conta do período de luto, e também em razão do distanciamento imposto pela pandemia da covid-19, não houve comemorações públicas. Habitual-

Leon Neal/AFP



mente, o aniversário da monarca é marcado por salvas de tiros e pela apresentação de um novo retrato. Como em 2020, também foi cancelado o grande desfile militar organizado para celebrar a soberana em junho.

Estava previsto que a monarca receberia somente a visita de alguns familiares. "A rainha quer aproveitar o bom tempo para se reunir com os membros da família e passear com seus dois novos cães corgi, Fergus e Muick", disse uma fonte do palácio ao *Daily Mirror*. "Ela tem muita

vontade de encontrar a família, que tem sido um grande consolo", destacou o jornal.

O premiê Boris Johnson enviou uma mensagem de felicitações. "Sempre senti grande admiração por Sua Majestade e por seu serviço a este país e e à Commonwealth. Estou orgulhoso de ser seu primeiro-ministro", tuitou o líder conservador.

Solidão

A morte de Philip, com quem Elizabeth II foi casada por 73 anos,

A monarca chega à Capela São Jorge, no Castelo de Windsor, para o funeral do marido, no último sábado

deixou um "enorme vazio" na vida da soberana, segundo um de seus filhos, o príncipe Andrew. O duque de Edimburgo, descrito pela rainha como sua "força e apoio", faleceu dois meses antes de completar 100 anos.

Desde o início da pandemia, em março do ano passado, o casal se isolou em Windsor, um castelo quase milênar que fica 50km ao oeste de Londres.

Na capela do castelo, a rainha protagonizou uma imagem impactante durante a cerimônia fúnebre de Philip, limitada a 30 convidados íntimos devido às restrições contra a covid-19. As medidas obrigaram a monarca, vestida de luto, a sentar-se sozinha.

Os demais integrantes da família real, incluindo seu neto o príncipe Harry, que viajou da Califórnia para se despedir do avô, ocuparam assentos distanciados

nos bancos do lado oposto da grande capela gótica de São Jorge.

De acordo com os jornais *The Sun* e *Daily Mail*, Harry, que fez sua primeira aparição pública ao lado da realza desde que ele e Meghan Markle decidiram abandonar a monarquia, retornou a Los Angeles na terça-feira, um dia antes do aniversário da avó. Grávida de uma menina, a duquesa de Sussex não acompanhou o marido na viagem.

No funeral, todos os olhares foram voltados para Harry e o irmão, William, segundo na linha de sucessão ao trono. Tanta atenção se justificava pelo mal-estar provocado pelas declarações de Harry e Meghan à apresentadora Oprah Winfrey, em entrevista veiculada no mês passado. No programa, ficou evidente o estremecimento das relações entre os dois.

No cortejo fúnebre, Harry e William caminharam atrás do caixão do avô, separados por seu primo Peter Phillips. Após o enterro, os filhos do príncipe Charles e da princesa Diana saíram da capela conversando ao lado da esposa



Nós estamos profundamente emocionados e continuamos a ser lembrados de que Philip teve um impacto extraordinário em muitas pessoas ao longo de sua vida"

Rainha Elizabeth II, em comunicado do Palácio de Buckingham

de William, Kate, em um aparente momento amistoso.

De acordo com a imprensa britânica, Harry passou várias horas com William e o pai, herdeiro do trono, o que alimentou as especulações sobre uma possível reconciliação.